



## Editorial

# Identidade e alteridade: imagens e representações nos materiais didáticos de História nos países de língua portuguesa

Sérgio Neto e Clara Isabel Serrano

*Práticas da História*, n.º 17 (2023): 7-15

[www.praticasdahistoria.pt](http://www.praticasdahistoria.pt)

Esta revista é financiada por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), I.P., no âmbito dos projetos UID/HIS/04666/2013, UID/HIS/04666/2019, UIDB/04666/2020, UIDP/04666/2020, UIDB/04209/2020, UIDP/04209/2020 e LA/P/0132/2020.

# Editorial

## Identidade e alteridade: imagens e representações nos materiais didáticos de História nos países de língua portuguesa

Sérgio Neto\* e Clara Isabel Serrano\*\*

No final da Segunda Guerra Mundial, o legado dos nacionalismos levou alguns autores, como Georg Eckert, a debruçarem-se sobre os manuais escolares da Alemanha Nazi e a sua importância na construção essencialista e racista, sob a qual assentou a ideologia do III Reich.<sup>1</sup> Desde então, sobretudo a partir dos anos 1970, a renovação deste campo de estudos foi acompanhada pela constituição de repositórios, com o fito de preservar a memória dos manuais e proporcionar espaços para a investigação. Daí que, apesar do interesse que o mesmo tem vindo a suscitar em Portugal, pelo menos desde os finais dos anos 1980,<sup>2</sup> a verdade é que o país ainda não dispõe de um repositório equivalente ao Leibniz Institute for Educational Media | Georg Eckert Institute; à IARTEM –

\* Sérgio Neto (sgdneto@gmail.com). Faculdade de Letras da Universidade do Porto; CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, Via Panorâmica Edgar Cardoso, s/n, 4150-564 Porto, Portugal.

\*\* Clara Isabel Serrano (claraisabelmeloserra@gmail.com). Centro de Estudos Interdisciplinares da Universidade de Coimbra (CEIS20 | UC), Rua Augusto Filipe Simões, n.º 33, 3000-457 Coimbra, Portugal.

1 Eckhardt Fuchs e Kathrin Henne Fuchs “History of Textbook Research”, em *The Palgrave Handbook of Textbook Studies*, ed. Eckhardt Fuchs e Annekatrin Bock (Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2018), 25-56.

2 Ver, por exemplo, Sérgio Campos Matos, “Heróis e anti-heróis de uma memória histórica. Para a caracterização dos paradigmas de heroísmo nos manuais escolares (1895-1939)”, *Clio. Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa* 6 (1987-1988): 39-77; Luís Reis Torgal, *História e ideologia* (Coimbra: Minerva Editora, 1989); José Amado Mendes, “Identidade nacional e ideologia através dos manuais de História”, em *Manuais escolares: estatuto, funções, história*, org. Rui Vieira Castro, Angelina Rodrigues e José Luís Silva (Braga: Universidade do Minho, 1999), 343-364.

International Association for Research on Textbooks and Educational Media; ou ao MANES que, posteriormente, levou à criação da base de dados com o mesmo nome, sediado na Facultad de Educación da Universidad Nacional de Educación a Distancia-UNED, em Madrid – e só para citar alguns dos mais conhecidos.

De qualquer modo, os últimos anos têm vindo a ser pontuados por uma renovada discussão em torno dos conteúdos programáticos escolares, em especial da disciplina de História, assim como da sua operacionalização nos programas, manuais e outros materiais didáticos usados por alunos e professores. Saber sensível por excelência, a História, além de abordar elementos estruturantes (política, economia, sociedade, cultura, religião e arte, entre outros), não perde também de vista as questões da identidade e da alteridade, movendo-se num espaço mediado tanto pela tradição quanto pela inovação. Retenha-se o debate recente acerca da operacionalidade de termos e conceitos tais como “escravo” e “escravizado”; “descobrimientos” e “expansão”; “descolonização” e “retornados”; ou “terceiro mundo”. Recorde-se, também, a polémica da recriação histórica, quando pessoas colonizadas, em ilustrações concebidas para o efeito, parecem amenizar os termos da ocupação europeia.<sup>3</sup>

Através de artigos científicos,<sup>4</sup> de textos de imprensa,<sup>5</sup> em *blogs*<sup>6</sup> ou mesmo com base nas artes performativas – como o espetáculo *Descobri-quê?*<sup>7</sup> –, diversos autores têm ido ao encontro do diagnóstico traçado por Eduardo Lourenço, ainda em tempos de ditadura, acerca de uma “hipertrofia” da identidade nacional. No entanto, note-se que a

3 Cristina Roldão, “Porto Editora, descolonize-se” *Público*, 2 de março de 2023, disponível em <https://www.publico.pt/2023/03/02/opiniao/opiniao/porto-editora-descolonizese-2040778>.

4 Marta Araújo e Silvia Rodríguez Maeso, “Explorando o eurocentrismo nos manuais portugueses de História”, *Estudos de Sociologia* 15, n.º 28 (2010): 239-270.

5 Cristina Roldão, “‘Descobrimo’ o manual colonial”, *Público*, 3 de março de 2022, disponível em <https://www.publico.pt/2022/03/03/opiniao/opiniao/descobrimo-manual-colonial-1997399/amp>.

6 Sofia Craveiro, “A descolonização dos manuais de História continua por fazer”, *Gerador*, 15 de setembro de 2023, disponível em <https://gerador.eu/a-descolonizacao-dos-manuais-de-historia-continua-por-concretizar/>.

7 Para mais informações sobre o espetáculo *Descobri-quê?* e as atividades de formação paralela ver <https://estrutura.pt/laboratorio-descobrique-escolas/>.

“provocante mitologia do ultracolonialismo”,<sup>8</sup> como o filósofo designou à época o luso-tropicalismo, continua a permear muito do discurso atual, com particular incidência nos instrumentos de aprendizagem.

De resto, os primeiros manuais saídos no contexto da Revolução de Abril, logo em 1975, como que procuravam equilibrar o bordão da “grande empresa dos Descobrimentos [que] ficou a dever-se a um homem: o Infante D. Henrique”<sup>9</sup> com um novo fôlego messiânico, quando afirmavam que o futuro do país se revelava auspicioso, “[n]a perspetiva de situar a construção do socialismo português entre o mundo capitalista [...] e o Terceiro Mundo [...] na tarefa comum de se reconstruir dos escombros do fascismo”.<sup>10</sup> Nas décadas seguintes, conforme tem sido demonstrado, programas e manuais tenderam a reduzir as passagens mais “revolucionárias”, enquadrando Portugal no “destino” europeu, mas não deixando de enfatizar figuras e elementos da “grande empresa”.

Ademais, legislação mais recente, como a lei n.º 93/2017, de 23 de agosto, “estabelece[ndo] o regime jurídico da prevenção, da proibição e do combate à discriminação”, assim como o Plano Nacional de Combate ao Racismo e à Discriminação 2021-2025, assinalando que este “combate” é um “desafio premente na sociedade portuguesa”,<sup>11</sup> não deixam dúvidas quanto à necessidade de “descolonizar” certa visão do passado. Por sua vez, o atual presidente da Associação de Professores de História (APH) afinou pelo mesmo diapasão, aduzindo que se impõe “desfazer estereótipos e complexificar a visão romantizada dos ‘Descobrimentos’ e daquilo que se lhes seguiu”.<sup>12</sup> Porque, em última análise, cumpre reavaliar e recentrar o lugar do Outro, ontem e hoje, quando algumas políticas de exclusão, aliadas ao discurso populista, procuram fixá-lo nas margens.

8 Eduardo Lourenço, *Situação africana e consciência nacional* (Amadora: Bertrand, 1976), 34.

9 António do Carmo Reis, *Compêndio de História. 2.º ano do liceu* (Lisboa: Edições Asa, 1975), 67.

10 António do Carmo Reis, *Compêndio de História. 3.º ano do liceu* (Lisboa: Edições Asa, 1975), 107.

11 *Plano Nacional de Combate ao Racismo e à Discriminação 2021-2025* (Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2021), 10.

12 Miguel Monteiro de Barros, “Direito de resposta”, *Diário de Notícias*, 28 de abril de 2021, disponível em <https://www.dn.pt/opiniao/direito-de-resposta-13622115.html>.

E o que dizer dos outros países de língua oficial portuguesa, cada um com as suas idiossincrasias, problemáticas e preocupações?

Se, no Brasil, a existência de repositórios, como o Laboratório de Ensino e Material Didático da Universidade de S. Paulo, tem vindo a equacionar a questão da importância desta fonte, uma vez que “o manual não constitui, em todo o caso, literatura científica, mas antes um produto com qualidade e correção científicas”,<sup>13</sup> a verdade é que, de igual modo, a lei n.º 11.645, de 10 março de 2008, tornou obrigatório o estudo da história e das culturas indígena e afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, postulando um novo entendimento da dimensão (pós-)colonial. Seja como for, bibliografia mais ou menos recente tem vindo a destacar a persistência de uma narrativa eurocêntrica.<sup>14</sup> Neste âmbito, escolas, programas e manuais têm-se vindo a mostrar mais atentos ao “resgate da memória”, com o fito de identificar os “aspectos culturais que contribuíram para dar forma à cultura brasileira”, ao mesmo tempo que buscam “incentivar a valorização dos elementos culturais dos africanos que se fazem presentes na cultura brasileira vigente”.<sup>15</sup>

No que respeita aos países africanos de língua oficial portuguesa, apesar do panorama diversificado, continuam a existir muitos “rastros da colonialidade”, conforme diagnosticou Sabino Tobata Intanquê. Segundo este autor, que avalia o caso da Guiné-Bissau, os “sobressaltos e instabilidades políticas e governativas, impossibilitaram e impossibilitam os avanços no sistema da educação”, pelo que importa ultrapassá-los, a fim de “viabilizar a remodelação dos currículos escolares e a implementação de uma política do Estado de financiamento para produção de livros didáticos”.<sup>16</sup> Já em Cabo Verde, conforme recentes

13 Clara Isabel Serrano e Sérgio Neto, “De Clio a Cassandra. Perceções da União Europeia nos manuais de História portugueses”, *Revista de História das Ideias* 40, n.º 2 (2022): 328.

14 Ana Paula dos Santos de Sá, “Descolonizar a educação é preciso. Significados de uma perspectiva pós-colonial de educação a partir do contexto brasileiro”, *Educação, Sociedade & Culturas* 1 (2019): 131-148.

15 Cleusa Teixeira Sousa, “Ensino de História: a descolonização dos currículos, a formação docente e a ênfase à memória, história e identidade dos africanos e afro-brasileiros”, *Intellèctus* 20, n.º 1 (2021): 248-264.

16 Sabino Tobata Intanquê, “Desafios da educação em Guiné-Bissau: análise de livros didáticos de História e Geografia do nono ano da educação básica, sob perspectiva da descolonização” (Dissert. Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2022), 109.

estudos<sup>17</sup> e movimentações cívicas vieram demonstrar, o debate tem incidido no questionamento da “narrativa de glorificação colonial e de romantização dos vários enfrentamentos irreconciliáveis e contraditórios entre si que deram origem à sociedade cabo-verdiana”.<sup>18</sup> Outros exemplos poderiam ser aduzidos e daí decorre a relevância de mensurar as diferentes realidades, não perdendo de vista as tensões entre narrativas nacionais coloniais/pós-coloniais e formas de as ultrapassar no quadro dos objetivos transnacionais.

Consciente de todos estes entendimentos, o presente número especial resulta, em boa medida, de um processo de discussão da Rede Internacional de História das Pedagogias, Patrimónios Culturais e Materiais Didáticos em Língua Portuguesa, que se constituiu em fevereiro de 2023. Agregando investigadoras e investigadores de diversas universidades e centros portugueses, brasileiros e cabo-verdianos, esta tem por objetivos, entre outros: 1) aprofundar reflexões e sistematizar problemas e debates contemporâneos envolvendo o ensino da História, a construção material do conhecimento em língua portuguesa, a produção e a circulação de materiais educativos, pedagógicos e didáticos, a partir do diálogo entre múltiplas temporalidades e geografias conexas; 2) promover a identificação dos pontos de recolha e de criação de acervos de materiais educativos, pedagógicos e didáticos impressos em língua portuguesa, proceder ao seu tratamento e disponibilização (física e digital), com o objetivo de criar um observatório de manuais escolares/materiais didáticos; 3) estimular o diálogo entre professores, investigadores, centros de investigação, ONG, etc., dos países de língua portuguesa, de forma a partilhar ideias e informação e a formalizar bases para atividades de investigação e transferência de conhecimento de grande qualidade e socialmente relevantes.

17 Miguel Cardina e Inês Nascimento Rodrigues, ed., *Remembering the Liberation Struggles in Cape Verde. A Mnemohistory* (Londres e Nova York: Routledge, 2022).

18 “Descolonizar Cabo Verde – Para além da remoção das estátuas. É preciso questionar o mapa cognitivo imperial e os legados do colonialismo”, *Santiago Magazine*, 9 de setembro 2021, disponível em <https://santiagomagazine.cv/sociedade/descolonizar-cabo-verde-para-alem-da-remocao-das-estatuas-e-preciso-questionar-o-mapa-cognitivo-imperial-e-os-legados-do-colonialismo#>.

O número especial “Identidade e alteridade: imagens e representações nos materiais didáticos de História nos países de língua portuguesa” é composto por seis artigos e uma entrevista. O primeiro artigo, da autoria de Julião Soares Sousa, “The Image and Representation of Colonialism in the 1974 PAIGC History Textbook”, começa por situar o modo como a problemática do ensino foi pensada durante a luta de libertação nacional levada a cabo pelo movimento liderado por Amílcar Cabral. De resto, ainda durante o conflito, o PAIGC pôs em funcionamento as chamadas “escolas de mato” e envidou esforços para conceber e produzir materiais escolares. Deste modo, o texto de Julião Soares Sousa apresenta o resultado dessas tentativas, tomando como objeto de análise o manual *História da Guiné e Ilhas de Cabo Verde*, que veio a lume em 1974. O volume, cujo alcance buscou transcender o uso escolar, começa por passar em revista a (Pré-) História de África, através de um longo arco temporal que caracteriza o “jugo colonial”<sup>19</sup> e a secular resistência à ocupação da Guiné, prestando não menos atenção ao(s) processo(s) de independência. O penúltimo capítulo do manual, intitulado “a luta anti-imperialista e o futuro da humanidade”, conforme destaca Julião Soares Sousa, é sintomático do *zeitgeist*.

O segundo texto, de Francisco Osvaldino Nascimento Monteiro, “Representações de Portugal nos manuais de ensino primário cabo-verdiano (1975-1990)”, versa o período compreendido entre a independência e os primeiros anos após a instauração do regime multipartidário, segundo o qual se rege o arquipélago. Marcado por profundas mudanças, também ao nível das representações inscritas na memória coletiva, o artigo passa em revista o panorama educativo cabo-verdiano do 1.º ciclo, podendo o autor concluir que a aproximação política e institucional entre Cabo Verde e Portugal (e a Europa) terá ditado uma metamorfose nos manuais de ensino. Neste sentido, após uma primeira fase focada nas figuras do PAIGC, na denúncia do colonialismo e na necessidade de estabelecer pontes entre os povos, em África e no mundo, seguiu-se um segundo momento assinalado pela predominância de

19 PAIGC, *História da Guiné e Ilhas de Cabo Verde* (Porto: Afrontamento, 1974), 117.

ambiências e imagéticas europeias. Apesar do seu trabalho de recolha e reflexão, Francisco Osvaldino Nascimento Monteiro considera que são necessários mais estudos, sobretudo tendo em conta as primeiras décadas do século XXI.

O artigo de Sarah Luna de Oliveira, “O ‘descobrimento’ do Brasil nos manuais escolares de leitura adotados em Angola e Moçambique (1960-1970)”, parte de um conjunto de nove manuais escolares destinados às escolas do Ensino Rudimentar e do Ensino Elementar de Angola e de Moçambique, editados entre as décadas de 1960 e 1970, para refletir sobre a ideia dos “Descobrimientos”, em geral, e do “Descobrimento do Brasil”, em particular.<sup>20</sup> Considerando a influência da ideologia colonial e da “historiografia oficial” nas publicações escolares das últimas décadas do regime, a autora discute a visão eurocêntrica da História e do mundo veiculada pelos manuais, procurando o confronto e a desconstrução do mito da “evocação nacionalista e imperial” que persiste e continua a ser replicado nos manuais escolares portugueses.

Por seu turno, o trabalho de Andréa Borges Leão e de Alcides André de Amaral, “Manuais de História em Moçambique: circulação de modelos e práticas do conhecimento”, destaca material recente, redigido durante a pandemia de COVID-19. Após um longo enquadramento em torno das condicionantes que presidem quer à elaboração dos “objetos didáticos”, quer ao caso particular de Moçambique, este estudo afirma a sua originalidade pela análise de um caderno de atividades, material tido por complementar para professores e alunos e, na realidade, nem sempre visado pelos investigadores.

Quanto ao quinto artigo do número, “Narrar, imaginar e questionar o passado pelas imagens dos livros didáticos”, da autoria de Ana Paula Caldeira, este centra-se, em primeiro lugar, no questionamento que alguns artistas brasileiros fazem da imagética veiculada e mantida

<sup>20</sup> Além dos “inícios”, do “descobrimento” do Brasil, vale a pena conhecer o modo como o processo de independência do Brasil tem sido abordado nos manuais escolares portugueses. Veja-se Sérgio Neto, Clara Isabel Serrano e Sarah Luna de Oliveira, “‘Um adeus português?’ Uma leitura da independência do Brasil nos manuais escolares lusos de História”, *Estudos Ibero-Americanos* 48, n.º 1 (2022): 1-16.



ao longo de décadas pelos manuais escolares. Por outro lado, a autora explora de que modo tal questionamento tem permitido acompanhar e compreender as lutas antirracistas e as disputas nos campos da política e da memória empreendidas no Brasil, com o regresso da democracia. Num segundo momento, Ana Paula Caldeira observa e discute como, nos últimos anos, se tem vindo a assistir à reprodução, pelos manuais, nomeadamente os de História e de História de Arte, de obras de artistas contemporâneos, o seu significado e importância.

Por seu lado, o artigo da autoria de Gisella de Amorim Serrano e Débora Dias, “Media Culture and School Textbooks: The Place of Brazilian and Portuguese History Magazines”, adotando uma metodologia comparativa, aborda o alcance didático das revistas de divulgação científica de temas ligados à História. Nomeadamente, quatro publicações portuguesas: *Visão História*, *História National Geographic Portugal*, *JN História*, *Super Interessante História*; e três brasileiras: *Desvendando a História*, *Revista de História da Biblioteca Nacional* e *Leituras da História*. Esta análise, que se estende do início do século XXI até à atualidade, evidencia como estas revistas permitem um conhecimento de processos, acontecimentos e figuras históricas. Mas, ao mesmo tempo, o artigo não escamoteia a intencionalidade das estratégias comerciais utilizadas para estimular a compra destes produtos, nem a exaltação histórica de uma certa memória coletiva que continua a apaixonar um vasto público.

Por último, na entrevista “‘Não sei se sou chave ou cadeado...’: (pós-)memórias, educação e alfabetização na Guiné-Bissau. Uma conversa com Mário Cabral e Pansau Cabral”, Mélanie Toulhoat dialoga com Mário Cabral, militante e dirigente do PAIGC durante as lutas de libertação e ministro da Educação Nacional da Guiné-Bissau no período pós-independência, e o seu filho, Pansau Cabral. Este último ajuda a entretecer os fios da memória, mais ou menos deslaçados pela passagem dos anos, de seu pai. Durante a entrevista, além do seu percurso de vida, Mário Cabral recorda, também, a importância da educação como parte integrante da luta pela independência formal e concreta da Guiné, assim como o programa educativo delineado para o país no pe-

ríodo pós-independência. Esta época, como se sabe, foi marcada pelas propostas de Paulo Freire, pensador e pedagogo convidado a desenvolver o projeto de alfabetização de adultos. Aliás, a intensa de troca de correspondência entre os dois viria a ser, inclusive, reunida, em 1977, na segunda parte da obra de Paulo Freire, *Cartas à Guiné-Bissau*.

**Referência para citação:**

Neto, Sérgio, e Clara Serrano. “Identidade e alteridade: imagens e representações nos materiais didáticos de História nos países de língua portuguesa”. *Práticas da História, Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, n.º 17 (2023): 7-15. <https://doi.org/10.48487/pdh.2023.n17.34375>.